

ÂNSIA INÚTIL

Regressando, encantado, de outras rotas
Em que a vida sublime se retrata,
Quisera repetir a serenata
Dos sóis, marcando sublimadas notas.

Ah! se eu pudesse descrever as frotas
Dos mundos de ouro pelos céus de prata
E o turbilhão da luz que se desata
De resplendentes amplidões remotas!...

Mas, singela e sombria, a lira estala,
Estralha-se o plectro da fala,
Embora o anseio que se me agiganta...

E, no incêndio que lava no meu peito,
Sòmente encontro inútil verbo estreito
Que me estrangula as cordas da garganta.

LUIZ DELFINO

VOA ALÉM

Não te prendas ao barro, alma erradia...
Célere, ascende à luz, de esfera a esfera,
Foge ao lódo abismal que anseios gera
Paga a ilusão que sofre, chora e expia.

Não vale a glória efêmera do dia:
O gládio do sepulcro dilacera
Tôda flor venenosa da quimera
Na haste frágil de imbele fantasia.

Que paixões e vilezas te não domem,
Despreza a sombra que escraviza o homem
A vis grilhões no vale tredo e fundo...

Voa além da miséria que te arrasta,
Porque terás, bem cedo, por madrastra,
A morte horrenda que governa o mundo.

LUIZ GUIMARÃES